as repercussões do ato analítico

Sílmia Sobreira

Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Lacan no Século / 2001 A Odisséia Lacaniana. Rio de Janeiro, 11-14 de abril de 2001.

No princípio está o ato. Todo ato verdadeiro tem essa dimensão de início, de começo de algo que não existia antes, marcado por uma nomeação, por uma proposição de existência, por uma inscrição, pela dimensão significante. No princípio era o Verbo. *Cogito ergo sum.* Existe o inconsciente. Outras poderiam ser acrescentadas a essa pequena lista de sentenças, nas quais há um dizer com dimensão de ato, com estrutura de corte, de ruptura, de descontinuidade em relação ao que havia antes.

Se pensarmos em Dr. Sigmund Freud, médico neurologista, dirigindo seu discurso na *Interpretação do sonho* aos "senhores médicos", será que ali não estaria ao mesmo tempo anunciando que estava abandonando o barco? No *Nouvel Observateur* de 07-13 de outubro de 1999, edição comemorativa do centenário da psicanálise, François Gantheret faz uma afirmação que considero apropriada: o inconsciente, mais que uma descoberta, é uma decisão de Freud. No seu particular "ou isso ou aquilo", Dr. Freud resolveu correr o risco, decidindo-se, não cedendo em relação ao seu desejo: a psicanálise não seria o desejo de Freud?

Esse ato criador, pelo qual se abre o campo de uma realidade nova, a de representações cujo sentido não está antecipado, tem conseqüências. Aqui está outra dimensão do ato: um dizer que tem conseqüência.

A descoberta de Freud, a decisão de Freud, produziu um efeito de fascinação e aturdimento na cultura, do que dá testemunho o esforço de variados campos do conhecimento e das artes para aplicar os conceitos da psicanálise a suas produções. Mas isso não é o essencial da psicanálise. É tão secundário quanto o efeito terapêutico o é em relação ao verdadeiro produto da análise.

A decisão de Freud se deu na clínica, ali ele viu surgir a realidade sexual do inconsciente, ali viu aparecer um sujeito radicalmente diverso do sujeito da filosofia. E por não ter recuado diante da garganta pustulenta de Irma, um laço social inédito pôde começar a existir.

Nessa relação nova, os dois parceiros — analisante e analista — estão em posições dissimétricas. O que cabe a cada um, qual a cota de cada um nesse empreendimento, o que

cada um paga? Pois não é só o analisante que paga, como bem lembra Lacan na "Direção do Tratamento".

Ao analisante cabe o trabalho (*Durcharbeitung*), a tarefa de associar livremente (livremente, que ironia!). Como é ele que essencialmente fala, o sujeito está do seu lado, pois só se é sujeito da fala. Mas há também o discurso no qual ele se situa por uma posição. Ao analisante é recomendado, para seguir a regra fundamental e única, que fale sem pensar. Assim como Erasmo fez o elogio da loucura, Lacan vai fazer o elogio da babaquice, da besteira. Pois o êxito dessa tarefa reside nas mancadas. O surgimento desses tropeços e mancadas assinala momentos privilegiados da análise, momentos de abertura do inconsciente, pedido de interpretação — "o que isso quer dizer?". Lacan chama nossa atenção para o fato de Freud chamar de ato aquilo que fracassa, o ato falho.

São esses os atos fecundos do lado do analisante, sendo-lhe recomendada a suspensão, tanto quanto possível, de todo ato, pois o ato que não vem como conclusão depois de um instante de ver e um tempo para compreender pode ficar marcado pela suspeição de *acting out* ou de passagem ao ato enquanto travessia selvagem da fantasia.

Do lado do analista, há um fazer, que eu incluiria na rotina do empreendimento, e o ato. A presença do analista, sua presença real, pode conferir a dimensão de ato ao que quer que ele faça: silenciar ou falar, sorrir ou ficar sisudo, mexer-se na poltrona ou ficar imóvel. O analisante sempre poderá atribuir-lhes um sentido, dar-lhes um valor interpretativo. O sentido é o que Lacan tentará esvaziar em sua teoria da interpretação e em sua teoria do ato. As duas parecem enlaçar-se no "poato" (*poâte*), onde se juntam o efeito de poesia, que é efeito tanto de sentido quanto de buraco, e o ato, para tentar formular um significante novo que não tenha espécie alguma de sentido, mas que teria um efeito. Numa das primeiras aulas do seminário "O ato psicanalítico", Lacan reconhece que a poesia faz alguma coisa.

Se o sujeito está do lado do analisante, o predicado está do lado do analista. Não sem razão se pensa nas qualificações do analista, no que é necessário para tornar-se analista, quais as suas garantias. O analista se caracteriza por seu ato e, por seu ato, pode situar-se em relação a seu ofício, uma vez que "uma psicanálise (...) é o tratamento que se espera de um psicanalista".[1]

O analista se caracteriza pelo ato de dar suporte à transferência cujo pivô é o sujeito-suposto-saber, formação de

[1] Jacques Lacan. Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*, p.331.

veio, de veneta, instituído por obra e graça do analisante. No início de uma análise está o ato do analista de autorizá-la, ato do qual, como todos os outros atos analíticos, está ausente o sujeito, mas não o horror nem a perplexidade. Nesse ato inaugural, novo amor, nova razão, para aludir à referência de Lacan a Rimbaud, novo discurso e, no giro, a emergência do discurso do analista, no qual o objeto *a*, causa do desejo, ocupa o lugar de agente e do qual o analista precisa se fazer-de-conta. Colette Soler diz em uma de suas primeiras mensagens eletrônicas à rede de Fóruns que o discurso do analista está inteiramente à mercê da contingência do ato analítico.

Fazendo do seu ato profissão, o que garante o analista a não ser o saber que tem a ver com a sua própria experiência analítica? Saber, e não conhecimento, bem entendido.

Da tarefa analisante ao ato há uma passagem, um passe. Passar a analista se dá no fim de uma análise. Encontrei na aula do dia 17/01/68 do seminário "O ato psicanalítico" esta passagem: "o sujeito que cumpriu a tarefa ao fim da qual se realizou como sujeito na castração (...) sabe o que é a experiência subjetiva, e que essa experiência implica também o que adveio daquele cujo ato é responsável pelo caminho percorrido, em outros termos, que para o analista tal como o vemos agora surgir no nível do seu ato, já existe saber sobre o de-ser do sujeito-suposto-saber, na medida em que ele é a posição necessária de partida de toda essa lógica".[2] Torção? Passagem ao limite? O simbólico jamais metaforizará o real. Após infinitos passos, o ato.

[2] Jacques Lacan. *Le Séminaire. Livre XV: l'acte psychanalytique.* Aula de 17 de janeiro de 1968. (Inédito.)

O sujeito alienado do início se encontra, no fim, igual a ele mesmo: é nesse sentido que o sujeito se realiza em sua castração: *a* separado de *–phi*. No Seminário XI, Lacan faz um jogo com as palavras *séparer* (separar) e o verbo latino *se parere* (se parir).

Nesse plano, a repercussão é da ordem do mais privado, do mais particular. Entretanto é lícito esperar que uma Escola possa suportar a contingência do ato analítico e oferecer-lhe apoio, caso tenha podido construir-se como uma comunidade animada pela transferência de trabalho, isto é, capaz de suportar a diferença. Pois o melhor que podemos oferecer à Escola é a nossa diferença, o estilo de cada um.

referências bibliográficas

GANTHERET, François. Le sacre de l'inconscient. In: *Le Nouvel Observateur*. n. 1822, 7-13 oct., 1999.

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire. Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire. Livre XV: l'acte psychanalytique* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire. Livre XX: encore*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. Vers un signifiant nouveau. In: *Ornicar?* (1979)

QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SOLER, Colette. Mensagem eletrônica no início da constituição dos Fóruns.